



O legado de Vicente Salles (1931-2013)*

Ricardo Tacuchian**

Resumo

Vicente Salles foi um historiador, etnólogo e musicólogo brasileiro que deixou um legado para as próximas gerações de pesquisadores, um legado sobre a história, a música e a cultura popular da região Norte do Brasil. Seu acervo está alocado no Museu da Universidade Federal do Pará.

Palavras-chave

Musicologia – Norte do Brasil – folclore – cultura popular – historiografia.

Abstract

Vicente Salles was a Brazilian historian, ethnologist, and musicologist who left a legacy to the next generations of researchers, a legacy on the history, music, and popular culture of the Brazil's north region. His collection is currently held by the *Federal University of Pará Museum*.

Keywords

Musicology – Northern Brazil – folklore – popular culture – historiography.

O legado de Vicente Salles (Igarapé-Açu, 27 de novembro de 1931 – Rio de Janeiro, 7 de março de 2013) para a cultura brasileira é tão vasto quanto a própria Amazônia. Foi uma vida inteira resgatando a memória da Região Norte, registrada em coleções de livros, periódicos, partituras, recortes de jornais e materiais especiais como discos, fitas e fotografias. A Coleção Vicente Salles, hoje no Museu da Universidade Federal do Pará, é uma referência, em Belém, como fonte de pesquisa sobre folclore, música, cultura afro-brasileira, história, teatro e literatura. Lá se encontram todos os programas “O assunto é folclore”, feitos pelo ilustre etnólogo, transmitidos, na década de 1960, pela Rádio MEC. Aliás, o folclore foi um dos destaques das pesquisas de Vicente Salles, como a coleção de folhetos de cordel do Pará, do Nordeste e as fitas de rolo magnetofônicas, onde estão registrados folguedos populares e músicas paraenses. Sobre este último item, a coleção guarda cerca de três mil partituras de

* Autor de *Estruturas verdes* (Rio de Janeiro, 1976) dedicada a Marena e a Vicente Salles.

** Academia Brasileira de Música, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: rtacuchian@terra.com.br.

Artigo recebido em 26 de julho de 2013 e aprovado em 9 de agosto de 2013.



compositores paraenses ou que viveram em Belém, e mais de 400 discos em diferentes formatos fonográficos. A hemeroteca é preciosa – 70 mil recortes de jornais e revistas da região Norte, sobre temas de cultura popular e afro-brasileira, artes plásticas, literatura, teatro e, naturalmente, seu maior interesse, a música. Salles sempre viu as bandas de música de sua região como instituições sociais, culturais e educativas. Escreveu cerca de uma dezena de textos sobre o assunto e o livro *Sociedades de Euterpes* (1985), em que estuda as bandas de música no Grão-Pará. Logo na introdução desse livro, o autor afirma que

A banda de música tem sido tradicionalmente a única escola para um contingente considerável de músicos no Brasil, amadores e profissionais. Nela se formam principalmente instrumentistas de sopro. O papel da banda de música, na escala dos acontecimentos artísticos do país é tão importante que somos forçados a dizer: não poderíamos ter boas orquestras se não tivéssemos boas bandas de música. (Salles, 1985, p. 11)

Em seu livro *Santarém: uma oferenda musical* (1981), Salles faz um histórico da vida musical de Santarém, desde 1661, quando foi fundada a missão jesuítica pelo padre luxemburguês João Felipe Bettendorff. As primeiras bandas de música surgiram, naquela cidade, em 1878.

Salles dedicou um espaço especial em sua bibliografia ao estudo da presença do negro na cultura paraense. Sobre o assunto publicou cerca de 30 textos. Em 1971 publicou, em um alentado volume, a obra *O negro no Pará, sob o regime da escravidão*, que serviu de base para a produção do DVD “O negro no Pará, cinco décadas depois...” pelo Instituto de Artes do Pará, em que Vicente Salles reafirma a relevância do negro na Amazônia, ao contrário do que se dizia na historiografia dos anos 1950. Um fato, no mínimo curioso, é relatado por sua viúva, Marena Salles em depoimento pessoal: quando seu marido estava internado no CTI, dois anos antes de morrer, ele apresentou um delírio, afirmando que durante todo o tempo um preto-velho estava ao seu lado. O curioso deste fato é que, depois de receber alta hospitalar, já plenamente senhor de sua lucidez, Vicente Salles, que era agnóstico, reafirmou que ele fora acompanhado, no CTI, durante todo o tempo, por um preto-velho. Marena Salles ainda me informou que, no dia da missa de 7º dia, em Belém do Pará, todas as igrejas da capital estavam ocupadas, só restando uma única, onde foi realizada a cerimônia fúnebre: a Igreja do Rosário dos Pretos. Não vou comentar estes fatos: coincidências?

Salles pesquisou a trajetória musical do grande operista paraense José Cândido da Gama Malcher e suas interseções com Carlos Gomes, que viveu seus últimos



dias em Belém e que, também, mereceu alguns textos inspirados de Vicente Salles. Outros compositores paraenses ilustres que mereceram estudos sobre sua vida e obra foram Meneleu Campos, Jayme Ovalle, Maestro Isoca, Waldemar Henrique e Paulino Chaves, entre muitos outros.

Em 1980 Salles publicou seu mais importante livro, entre os 23 publicados: *A Música e o Tempo no Grão-Pará*; um dos mais importantes livros sobre a história da música no Brasil e uma análise da sociedade do Norte do país, no período colonial. É obra obrigatória na biblioteca de qualquer estudioso sobre a história de nossa cultura. Vicente Salles aponta para um mundo amazônico desconhecido para os artistas e intelectuais do Nordeste, do Centro-Oeste e do Sul, revelando a aproximação de Belém muito mais estreita com a Coroa, em Lisboa, do que com a capital, na Bahia. Nesse livro, o autor procura esclarecer “o papel pedagógico e político da música na formação da sociedade paraense”. Salles mostra a importância do índio na formação do perfil cultural da região:

Dominado pelo alienígena, o índio participou ativamente dos acontecimentos subsequentes à ocupação e efetiva exploração do território. A quebra de seus padrões culturais foi inevitável. Para manter intacta sua cultura e poder subsistir como grupo, foi forçado a refugiar-se nos sertões mais longínquos, onde hoje o encontramos arredo e arisco. (Salles, 1980, p. 25)

Salles mostra a importância da ação catequética e a função pedagógica da música:

O processo de colonização do Pará reproduz a experiência portuguesa nas demais regiões. A complementação do domínio da terra com o trabalho catequético-apostólico dos missionários, principalmente os jesuítas, também aqui se desenvolveu notavelmente com o auxílio da música, que eles empregavam como veículo pedagógico e político. Diversas ordens religiosas se estabeleceram na Amazônia: franciscanos, mercedários, carmelitas, capuchos da Piedade, jesuítas. Os franciscanos foram os primeiros a construir conventos, em Belém, em 1617. (Salles, 1980, p. 35-36)

Vicente Salles dedica o livro a seu conterrâneo, o compositor Waldemar Henrique (1905-1995), no centenário de outro ilustre paraense: Paulino Chaves. Segundo a neta do compositor, Paulino Chaves – professor do então Instituto Nacional de Música da Universidade do Brasil – ele nasceu em 1883 e não em 1880, em Natal, Rio Grande do Norte, mas mudou-se para Belém, com quatro meses de idade.



Dez anos antes desta obra monumental, Salles já havia lançado um outro livro, *Música e músicos do Pará* (1970), que, até certo ponto, foi o precursor de *A música e o tempo no Grão-Pará* (1980). Em 2002, Salles relançou, em Brasília, uma microedição do autor, corrigida e ampliada, com vários exemplos musicais. Aqui, a expressão “microedição” se refere não ao tamanho do livro, mas à natureza semiartesanal da edição. Trata-se de um aspecto curioso na produção cultural de Vicente Salles. Ele não só foi um mestre na criação de conhecimentos, mas também desenvolveu uma prática de fabricação de livros de sua autoria, elaborados individual e artesanalmente. Foram, ao todo, 48 brochuras, da série “Micro Edição do Autor”. De tiragem limitada, sem fins comerciais, esses livros fazem parte da biblioteca de estudiosos e de entidades universitárias e de pesquisa, adquiridos por doação do autor. São verdadeiras preciosidades que preservam um rico patrimônio espiritual, levantado a partir de fontes primárias e secundárias raras e que foi preservado competentemente por este mágico escritor e “fazedor” de livros. É o retorno da figura medieval do mestre-cantor: a síntese do pensador/criador e do artesão.

Vicente Salles viveu em três capitais históricas brasileiras: Belém, Rio de Janeiro e Brasília. Belém e São Luiz se alternaram, no período colonial, como a capital da Província do Maranhão e Grão-Pará (da qual também fazia parte o atual Estado do Amazonas). Essa província tinha vida independente do restante do Brasil com capital na Bahia. Vicente Salles é filho da região Norte e um estudioso das tradições culturais do Pará. Nascido em 27 de novembro de 1931, na vila do Caripi, município do Igarapé-Açu, no Pará, passou a juventude no seu estado natal até 1954 quando se transferiu para o Rio de Janeiro, incentivado por Edison Carneiro, importante etnólogo especializado em estudos afro-brasileiros. Imediatamente ingressou, por concurso, no antigo Ministério da Educação e Cultura, onde assumiu diversas funções na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, na Revista Brasileira de Folclore e no Conselho Federal de Cultura. Neste último órgão teve participação ativa em dois projetos de grande envergadura: o Atlas Cultural do Brasil (1972) e a História da Cultura Brasileira (1973). Ainda no Rio, Vicente Salles formou-se no Curso de Ciências Sociais da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Na mesma cidade, lecionou na Faculdade de Artes (do antigo Distrito Federal), no Instituto Villa-Lobos e foi eleito membro do Conselho de Música Popular do Museu da Imagem e do Som.

Em 1974, novamente se transfere para outra capital, Brasília, aonde foi trabalhar no Departamento de Assuntos Culturais, do Ministério da Cultura. Aí participou dos projetos da criação da Funarte e do Projeto Pró-memória, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Foi em Brasília, após a aposentadoria do serviço público, em 1990, que Vicente Salles organizou a rica documentação de fontes primárias



que colecionou durante toda a sua vida, principalmente a proveniente da Amazônia. Essa documentação foi adquirida pelo Museu da Universidade Federal do Pará.

Vicente Salles, membro da Academia Brasileira de Música e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, morreu aos 82 anos, no Rio de Janeiro. A Academia Brasileira de Música publicou, quatro anos antes de sua morte, um Catálogo relacionando toda sua obra. Mas Vicente Salles, incansável, não parou de trabalhar até o fim, tornando este catálogo desatualizado. Entretanto, é a mais completa relação de obras do autor. Deixou sua esposa Marena Salles, violinista e professora aposentada da Escola de Música de Brasília, e seus três filhos Marena Salles, também violinista e professora da Unirio, Marcelo Salles, violoncelista do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e Márcia Salles, funcionária do Banco do Brasil, e mais três netas.

Vicente Salles continua perambulando agora entre outras capitais: no valioso acervo do Museu da UFPA; no coração e na memória de seus familiares, amigos e discípulos; e nas águas da baía de Guarajá, onde suas cinzas foram lançadas, de acordo com o próprio desejo. Agora, ele dá aulas para as laras.



REFERÊNCIAS

Salles, Vicente. *A música e o tempo no Grão Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980.

Salles, Vicente. *Catálogo de obras: Vicente Salles*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2009.

Salles, Vicente. *Música e músicos do Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

Salles, Vicente. *O negro no Pará, sob o regime da escravidão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Belém: Universidade Federal do Pará, 1971. (Coleção Amazônica, série José Veríssimo)

Salles, Vicente. *Santarém: uma oferenda musical*. Belém: Serviço de Imprensa Universitária, 1981.

Salles, Vicente. *Sociedades de Euterpe*. Brasília: edição do autor, 1985.